

A REVOLTA DA VACINA OBRIGATÓRIA NA ESCOLA DA PRAIA VERMELHA e NA ESCOLA PREPARATÓRIA E TÁTICA DO REALENGO



Cel Claudio Moreira Bento Presidente e fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil(FAHIMTB)

Este assunto foi resgatado em detalhes pelo acadêmico da FAHIMTB Cel Juvêncio Saldanha Lemos em seu livro **As duas revoluções que abalaram o Rio de Janeiro**. Porto Alegre: Edital, 2019. Sobre o assunto e com apoio nesta obra realizaremos uma análise militar crítica, do qual conhecíamos em detalhes suas benéficas conseqüências para a profissionalização do Exército, depois de 31 anos de vigência do Bacharelismo no Exército e da danosa influência de um Positivismo mal interpretado, responsáveis em grande parte pelas grandes dificuldades que o Exército encontrou no combate a Guerra Civil na 1893/1895 na Região Sul em combinação com a Revolta de 1/3 da Armada.

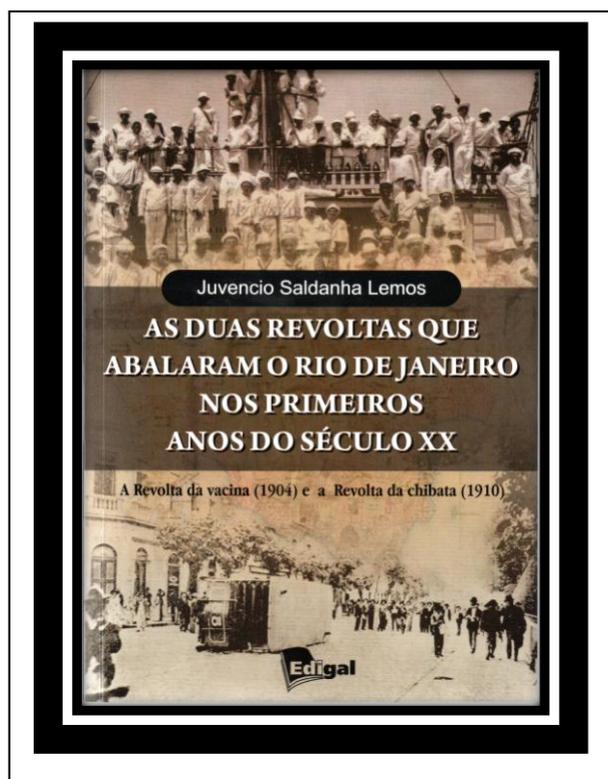


Foto do livro do Cel Juvêncio Saldanha Lemos, neto de meu conterrâneo em Canguçu-RS e herói da Brigada Militar Gaúcha.

Causas Remotas

Decreto de 1874 cria a especialidade de bacharéis militares em Engenharia e em Ciências Físicas e Matemáticas, visando a elevação social dos oficiais combatentes, que para fins de casamento não eram considerados bons partidos, por viverem constantemente fora do lar no combate em guerras e revoluções, e sem pensões por morte compensadoras..

Esta providência que visava também o desenvolvimento tecnológico do Exército, terminou descuidando da sua preparação militar para a eventualidade de uma guerra interna ou externa, e dividindo o Exército em Bacharéis e Tarimbeiros, tornando o Exército de 1974/2004, por cerca de 31 anos dominado pelos Bacharéis, do que resultou o baixo desempenho operacional do Exército, na Guerra Civil no Sul 1893/1895 em combinação com a Revolta de 1/3 da Armada e, a seguir na Guerra de Canudos 1897.

Causas Imediatas

Lei nº 1261, de 31 de outubro de 1904 que tornou obrigatória a vacinação e revacinação promulgada pelo Presidente da República que provocou a Revolta da Escola da Praia Vermelha e a do Realengo no Exército e a Revolta Civil de Quebra Lampião.

Forças em presença

-- **Revoltosos;** .300 alunos da Escola da Praia Vermelha organizados e 3 companhias de Infantaria e mais uma incompleta e um canhão com tração humana,

- **Governistas;** . 1º Batalhão de Infantaria, grupos de Infantaria, um esquadrão do 9º Regimento de Cavalaria, alguma tropa de Polícia e de Bombeiros.

A Revolta da Vacina Obrigatória no Exército:ocorreu na Escola Militar da Praia Vermelha comandada pelo general Alípio de Macedo Costallat, que foi deposto pelo General Silvestre Travassos. E na Escola Preparatória e Tática do Realengo, comandada pelo General Hermes da Fonseca.

Comando das forças em confronto

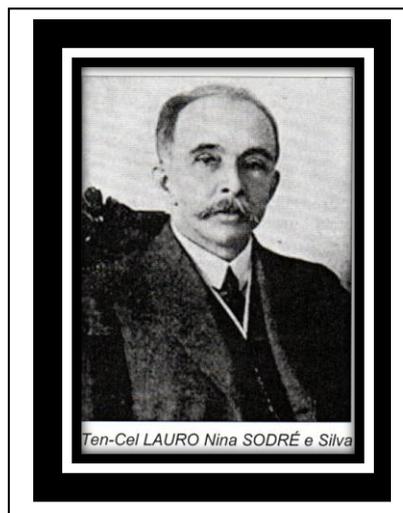
As revoltosas pelo General Silvestre Travassos líder da Revolução Militar da Escola da Praia Vermelha e as legais pelo - General Antônio Carlos da Silva Piragibe, Ambos heróis do Paraguai sendo que o General Silvestre era positivista.

Desenvolvimento da Revolta

O General Silvestre Travassos e o senador Ten Cel Lauro Sodré e o deputado e historiador gaúcho Alfredo Varela se apresentam defronte a Escola da Praia Vermelha, destituem o seu comandante, o general Alípio de Macedo Fontoura Costallat e assumem o comando da Escola.

O plano seria o General Antônio Olympio da Silveira assumir o comando da tropa rebelada reunida na Praça da República, ocupar o Palácio do Catete, prender o Presidente

da República e toda a sua equipe. E vitoriosa a revolta, empossar o Senador Ten Cel Lauro Sodré, presidente da República com poderes ditatoriais.



Desenvolvimento da Revolta da Praia Vermelha

O General Travassos, tirou o boné e falou ao General Costallat “**General, em nome da mocidade revoltada, assumi o comando desta Escola**”.

E foram tomadas providências para formar a tropa com alunos da Escola da Praia Vermelha para rumar em direção ao Palácio do Catete para depor o Presidente.

Era uma força de 300 alunos divididos em 3 companhias de Infantaria, e uma incompleta que foi formada defronte a Escola e um canhão “com tração lusitana”. Era porta bandeira o aluno Frederico Horta Barbosa, ao lado do qual montado a cavalo se postou o Senador Ten Cel Lauro Sodré.,segundo em Comando”

O ambiente entre os alunos, era de oba oba, pois não acreditavam que haveria combate e que a revolta seria ganha no grito. E ignoravam que o Palácio de Catete estava sendo protegido por forte esquema defensivo.

O General Travassos mesmo com pouca munição decidiu prosseguir na ação. E colocou-se a frente da tropa formada em colunas e ordenou a marcha em direção ao Cadete; pelo seguinte itinerário: Atual Avenida Pasteur, rua Severiano, rua da Passagem, Praia do Botafogo - Cadete.No Palácio do Catete o Ministro de Guerra General Francisco de Paula Argolo reúne-se com o presidente Rodrigues Alves e seus ministros. O ambiente era de tensão!. Boatos informavam que da Praia Vermelha uma tropa de 1000 homens militares e civis marchavam para destituir o Presidente da República.

E foi organizado uma força ao comando do General Antônio Carlos da Silva Piragibe para enfrentar a Revolta.Força heterogênea, composto do 1º Batalhão de Infantaria, grupos de Infantaria, um esquadrão do 9º Regimento de Cavalaria, alguma tropa de Polícia e de Bombeiros.



O Presidente Rodrigues Alves e o Palácio do Catete

O General Piragibe comandava a Brigada Policial do Distrito Federal e era genro de General Clodoaldo da Fonseca, sobrinho do Marechal Deodoro da Fonseca..

E o destacamento heterogêneo do General Piragibe em clima de desordem se deslocou em direção a Praia Vermelha.

Na Avenida Pasteur, o general Travassos se defronta com a Vanguarda do General Piragibe, um Esquadrão da 1ª RG, o atual Dragões da Independência de Brasília. Vanguarda e que aderiu a Revolta. E foi aplaudido pelos alunos.

Quanto a coluna do General Travassos penetrou na rua General Severiano, uma companhia de Infantaria do General Piragibe adere à Revolta. Era noite escura, densas nuvens cobriam o Rio, chuva fina, marcha difícil, artilharia, tracionada a braço muito lenta.! O ânimo começou a fraquejar.

A Coluna General Travassos chega a rua da Passagem as 22:30h(10,30) da noite. Ao atingir a esquina da rua General Polidoro, o General Travassos ordena um alto da sua coluna. Pois pela praia de Botafogo avançava a tropa legalista do General Piragibe.

O General Travassos envia seu ajudante de ordens, o Alferes – aluno João Silvestre Cavalcante para parlamentar com a tropa do General Piragibe.E foi recebido por uma saraivada de tiros. E, ferido gravemente, retornou a galope pela rua da Passagem, até o cair morto junto a 3ª Companhia.Foi então que os alunos se convenceram de que estavam em guerra!

O General Travassos, noite escura, ordenou que os alunos tomassem posição de combate nos meios-fios das calçadas. O canhão não obedeceu a ordem de avançar. !

A tropa legalista entrando na sua Passagem da, no escuro, uma rajada , de tiros cerrada e rasante.. E os alunos a responderam..

Foi um tiroteio no escuro a esmo e descontrolado ,onde todos que corriam o risco de serem atingidos pelos contrários, era igual ao de ser atingido pelo fogo amigo. A escuridão era total! O General Travassos foi baleado com um tiro na perna esquerda, que o

mataria dias depois. O seu cavalo morreu na hora. O senador Ten Cel Lauro Sodré, procurado para substituí-lo levou na cabeça um tiro de raspão, foi conduzido a uma farmácia. Refugiou-se na casa de um amigo e desapareceu!.

Os alunos João Ferreira e Pantaleão Pessoa dedicaram-se a socorrer os feridos.

O Esquadrão de Cavalaria e a Companhia de Infantaria que aderiram à Revolta avançaram de trás, desordenadamente pela rua da Passagem, atropelaram os alunos que estavam na frente, levando-os a pensar que estavam sendo atacados pela retaguarda, o que gerou pânico generalizado.

Em realidade houve uma **“tamanha debandada de ambos os lados”** com a invasão de jardins e quintais particulares. Muitos pularam os muros do Cemitério de São João Batista e se esconderam entre os túmulos.

Na tropa do General Piragibe só restou ele “seu Estado-Maior pôs-se em fuga, precipitadamente, com receio dos alunos que já não tinham direção nem objetivo”.

No trajeto de retorno ao Palácio do Catete, o general Piragibe observou **“Armas atiradas na rua, que eram inutilizadas, soldados em marcha ainda assombrados, outros subindo em bondes e outros por fim, denunciados por garotos, imersos até o pescoço, nas águas da enseada de Botafogo...”**

No Palácio do Catete o Presidente Rodrigo Alves ao saber do tiroteio na Rua da Passagem mencionou: **“Foi indescritível a cena que se seguiu. Pensei que as forças do General Piragibe haviam sido derrotadas e que a Escola Militar da Praia Vermelha vinha sobre o Palácio... A coragem foi voltando; as providências começaram a ter ordem, as barricadas de defesa em andamento e, em breve estávamos preparados para qualquer encontro, porque começaram a chegar forças do Exército.”**

Os alunos da Escola Militar retraíram em confusão. Enfim o combate da rua da Passagem durou cerca de meia hora.

Ao amanhecer a rua de Passagem tinha um aspecto desolador! Curiosos se aproximavam para ver os vestígios do combate espalhados por toda a parte – balas encravadas nas paredes, lampiões quebrados, cartuchos descarregados, cavalos mortos e as pedras das ruas banhadas em sangue”.

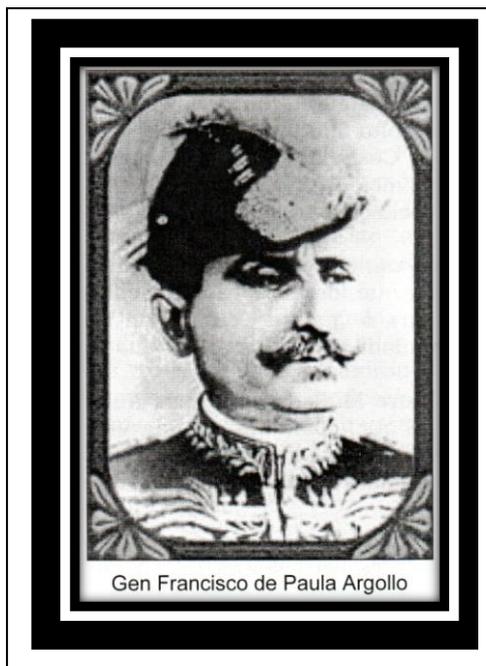
A Escola Militar da Praia Vermelha estava sem moral, sem munição e sem comando. O tenente Tertuliano de Albuquerque Potiguara que participara do combate, conseguiu impor alguma ordem. Mandando os alunos para seus alojamentos e os oficiais para suas casas. E que tirassem da cabeça a idéia de continuar a luta!.

Na madrugada de 15 de novembro, o Encouraçado Deodoro efetuou dois tiros de canhão sobre a pedra da Urca, enquanto navios menores metralhavam a praia da Saudade., por julgarem que revoltosos ali estavam a postos.

A Escola entrou em Pânico. Era o fim de uma triste aventura.!

As 6.30 de 15 de Novembro de 1904, 15º ano a Proclamação da Republica chega a Escola Militar o Coronel José Caetano de Farias com seu 1º Regimento de Cavalaria. E de automóvel o Ministro da Guerra General Francisco de Paula Argollo e o Ministro da Viação, o Major Lauro Muller

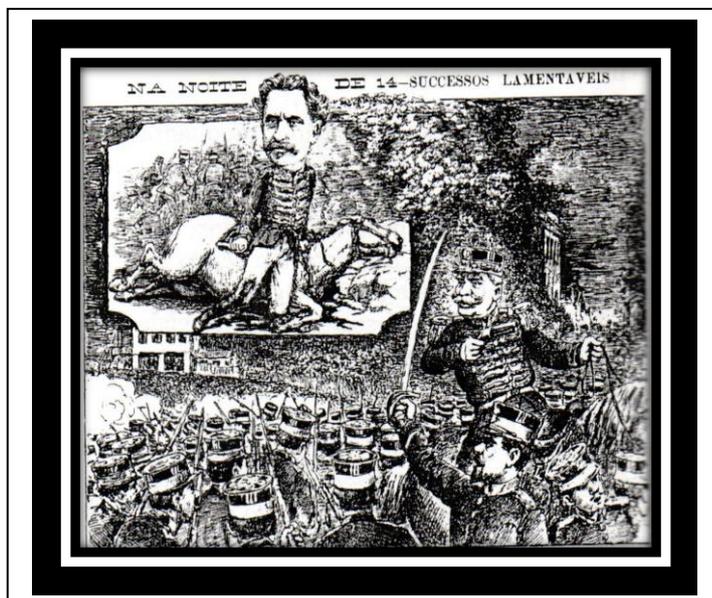
:



“

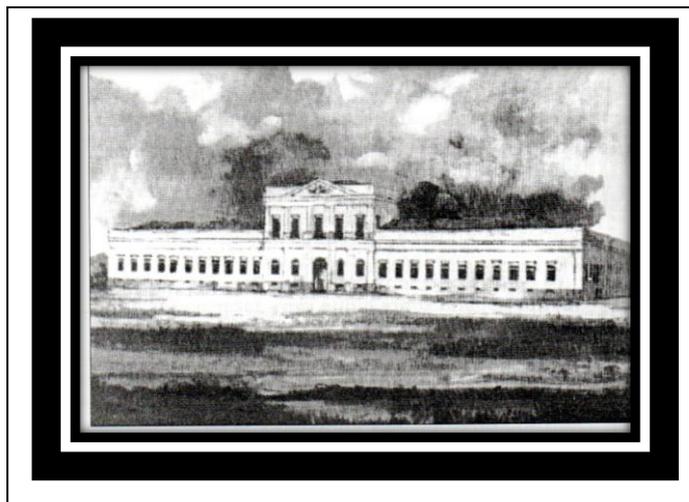
O Ministro da Guerra Gen Francisco de Paula Argollo se colocou a frente da Escola Formado e falou: **Não era bem os senhores que eu queria encontrar aqui, mas aos chefes que exploraram o vosso ardor, que poderia ser mais bem empregado. E informou que todos estavam presos e seriam enviados a quartéis da Guarnição.”**

Os jornais do Rio não deram importância ao levante da Escola Militar que consideraram uma irresponsável quartelada sem qualquer chance de sucesso. O Jornal o **O País** apontou o Senador Tem Cel Lauro Sodré como o maior responsável pela frustrada rebelião **“por abusar da confiança e do prestígio que exercia sobre os alunos... moços finos e bravos, de tão boa fé”**.



A Revista O Malho nº 115.1904 abordou em charge a Revolta como uma tentativa de golpe militar.No canto superior esquerdo focaliza o General Silvestre Travassos ferido na perna sobre seu cavalo morto. E no canto inferior direito , montado a cavalo o General Piragibe no comando das forças do Governo>

A tentativa de Revolta na Escola Preparatória e Tática do Realengo



Em 14 de novembro de 1904, encerrado o expediente, o General Hermes da Fonseca, comandante desta escola, acompanhado de três oficiais, se prepara para pegar o trem e retornar para o Centro do Rio..Vê então desembarcar o Major Gomes de Castro com três companheiros.O General Hermes desconfiou e retornou para a Escola onde mandou tocar reunir e determinou prontidão.

O Major Gomes de Castro e acompanhantes apresentam-se no 20º Batalhão de Infantaria, onde foram recebidos pelo subcomandante, que aparentemente os aguardava.

O Capitão Antônio Augusto de Moraes, falou **“Eu venho aqui em nome da Revolução, sei que o 20º BI é nosso! E Lauro Sodré a esta hora já deve estar em armas com a Escola Militar”**.O subcomandante conduziu o Major Gomes a um quarto onde ele se vestiu com uma túnica de major e um quepe oleado.

O Major Gomes, a cavalo se dirigiu para a Escola do Realengo, tendo a seu lado, a pé seus três companheiros.Próximo da Escola, a galope, se dirigiu ao Portão da Escola.

O General Hermes da Fonseca percebendo a aproximação do Major Gomes, desceu ao saguão de entrada e ao chegar o Major Gomes deu-lhe voz de prisão e falou:

“Isto é uma Escola de Lealdade. Não admito que a politicagem venha especular com a mocidade”.

O Major Gomes tentou puxar o revólver, mas a guarda de alunos comandada pelo Alferes Afonso Pinho de Castilho o derrubou do cavalo a coronhadas. Manietado ele foi conduzido ao gabinete do General Hermes.

Aí chegou o civil Luiz Pinto. Ele invadiu o saguão, com uma espada e gritando histericamente:**“Prenda o General!” “Mate o General!”**Foi subjugado a coronhas pela guarda.

Aí chega o Capitão Antônio Augusto de Moraes que encontra fechado o portão da Escola. Então atira duas vezes contra o secretário da Escola. Mas trapalhão, acerta um tiro nas costas do civil Luiz Pinto. E junto com um civil deslocou-se para o quartel do 20º BI e não conseguiu convencer o seu subcomandante a atacar a Escola. E recolheram-se no Rio às suas residências.

Graças a experiência, senso de responsabilidade e enérgica e pronta reação de comando do General Hermes Rodrigues da Fonseca, antes do fim da tarde havia resolvido o problema de Realengo.

E tem início a sua marcante liderança no Exército, como comandante da hoje 1ª Região Militar, da qual é denominação histórica, por nossa proposta aprovada, Ministro de Guerra e Presidente da República. Como seu tio Marechal Deodoro da Fonseca era maçom.

Consequências para os alunos da Praia Vermelha e Realengo envolvidos na Revolta

Por Decreto de 16 nov 1904 a Escola da Praia Vermelha foi fechada e a seguir extinta. Os alunos revoltosos da Praia Vermelha e mais os 81 revoltosos do Realengo, depois de um tempo recolhidos nas fortalezas e quartéis do Rio foram embarcados nos porões dos navios **Desterro** do Loyde e **Itapecy** da Costeira, da família Lage..

O desembarque foi no Porto do Rio Grande onde foram recebidos com rigor pelo comandante da Praça, o Coronel Emídio Dantas Barreto.

Dalí foram despachados como soldados para quartéis da fronteira sendo que Bagé recebeu o maior número.

Por Aviso nº2049 de 9/12/1904, foram excluídos do Exército a bem da disciplina, dos quais 275 ex-alunos da Escola da Praia Vermelha 65 do Realengo num total de 338. Exotados dos quartéis, sem dinheiro e longe de casa tiveram que se virar. A maioria voltou para o Rio de Janeiro gratuitamente, pela Companhia Nacional Costeira do pai de Henrique Lage. Não conseguiram prosseguir nos estudos, a Escola Militar foi extinta e a Escola Politécnica não os aceitou.

As baixas entre os revoltosos da Praia Vermelha: 3 mortos, o General Silvestre Travassos, o Alferes aluno João Silvestre Cavalcante e o 1º Sargento Armando Camargo. Feridos: o Ten Cel Senador Lauro Sodré, Santa Cruz e Afonso Ditervil e os FONSECAS, Cornélio Caldas Silveira e Ricardo Augusto Moreira (levemente).

O General Silvestre Travassos faleceu no dia 22 de novembro. Seu filho Mario Travassos então com 13 anos viria se tornar um dos mais brilhantes oficiais sendo o 1º comandante da AMAN. e consagrou-se como destacado geopolítico brasileiro.

Foram réus do Conselho de Investigação o General Antônio Olympio da Silveira, o Tenente Cel Lauro Sodré, o major Agostinho Gomes de Castro e mais 37 oficiais entre os quais Tenente Tertuliano de Albuquerque Potiguara e os Alferes alunos Euclides de Oliveira

Figueiredo, Júlio Caetano Horta Barbosa e Genesco de Oliveira Castro, irmão de Plácido de Castro e Sinésio de Farias que se destacaram.

O Senado, aprovou em 2 set 1905, anistia para os envolvidos.

Os oficiais revoltosos retornaram a tropa. Os alunos excluídos retornaram para concluir seus cursos no Realengo ou a Escola de Guerra em Porto Alegre. então criada. Escola de Guerra, de preparação de profissionais para a eventualidade de uma guerra.

Veteranos e filhos de Veteranos da Guerra do Paraguai com o apoio do Ministro da Guerra General Francisco de Paula Argollo, adotaram em 1905. o Regulamento de Ensino profissionalizante, ponto de inflexão do bacharelismo militar para o profissional militar que até hoje se sustenta dando continuidade a Reforma Militar iniciada pelo Ministro da Guerra General João Nepomuceno Medeiros Maller, marcada pela criação do Estado-Maior do Exército e pela Fábrica de Polvora em Piquete que liberou o Exército e Marinha de importação de pólvora. Reforma concluída com a participação da FEB na Itália onde esta força fez boa figura ao lutar em aliança ou contra forças dos maiores exércitos presentes no conflito.

Dentre os alunos da Escola da Praia Vermelha durante a Revolta que se destacou Eurico Gaspar Dutra, João Baptista Mascarenhas de Moraes e Estevão Leitão de Carvalho. Os quais intimamente ligados a participações da FEB na Itália.

Estas considerações foram possíveis graças as minuciosas pesquisas feitas pelo historiador militar Cel Juvêncio Saldanha Lemos, autor de outros notáveis e profundos e minuciosos trabalhos onde se destacam os **Mercenários do Imperador, Os Brummer**, assuntos que tratei e ele aprofundou e a **Saga do Prata**.

No início me propus a fazer uma análise militar crítica da Revolta e concluí, como o leitor também deve ter concluído que a Revolta foi um verdadeiro festival de erros a serem evitados no futuro. Os quais foram bem aproveitados por veteranos e filhos de veteranos da Guerra do Paraguai, sob a liderança do Ministro do Exército Francisco de Paula Argollo, para mudar o equivocado e deturpado rumo do Ensino no Exército de Bacharelismo que perdurou por 30 anos para profissionalismo militar que vigora há 114 anos.

Agora a esperança que a presente matéria a ser incluída no site da FAHIMTB www.ahimtb.org e difundida por e.mail seja recebida e lida pelos destinatários, pois sente-se que poucos abrem e lêem os e.mails. Sinal dos tempos e decorrência da explosão das informações e assim definida pelo destacado historiador e professor de História de Yale, ao afirmar “ **que o mundo esta descartando as lições da História no momento em que delas mais necessita.**” É frustrante a indiferença geral para o historiador, em especial para o historiador militar crítico. Mas a luta continua!!!